

Aglaé Fernandes

Universidade Federal da Paraíba

aglaefernandes@yahoo.com.br

A poesia traduzida e o Modernismo brasileiro

Resumo: Neste artigo, apontamos que um grande número de poetas se envolveu com a tradução de poesia, ao longo do período modernista da literatura brasileira. A poesia traduzida trouxe o aporte necessário ao processo de renovação da estética poética e passou então a assumir relevância no centro do sistema literário local, fomentando-o e enriquecendo-o naquele momento de viragem, desencadeado a partir da Semana de 22. Paralelamente às intraduzções, houve um significativo aumento da ocorrência de extraduzções, o que atestaria o êxito do projeto de renovação estética, e, por conseguinte, a consolidação da moderna poesia brasileira tanto no interior do seu próprio sistema, quanto no âmbito das relações intersistêmicas.

Palavras-chave: Modernismo. Poesia traduzida. Polissistemas.

Translated Poetry and the Brazilian Modernism

Abstract: In this article, we point out that a great number of poets were involved in the translation of poetry throughout the modernist period of the Brazilian literature. The translated poetry brought the necessary contribution to the renewal process of the poetic aesthetics. Then, it became relevant in the center of the local literary system, promoting and enriching it from that turning moment initiated on the so-called week of 1922. In parallel to the intranlations, there was a significant increased occurrence of extranlations, something that would attest the success of the aesthetic renewal project. As a consequence, the modern Brazilian poetry was consolidated both in the interior of its own system, as well as in the scope of intersystemic relations.

Keywords: Modernism. Translated poetry. Polysystems.

O movimento Modernista brasileiro, instaurado oficialmente em fevereiro de 1922, propunha, no campo da poesia, a liberdade de criação e, por conseguinte, a ruptura radical com os modelos parnasianos vigentes. A forma fixa

é então rejeitada e abre-se espaço para os versos livres e brancos. Os temas preferidos são fortemente associados aos problemas sociais e à vida cotidiana; a linguagem pretende-se coloquial, despida de ornamentos e preciosismos.

É dentro deste espírito de combate à imitação estrangeira, ao academicismo e em busca do reconhecimento do valor das produções nacionais que Ronald de Carvalho, durante a Semana de Arte Moderna, no Teatro Municipal de São Paulo, sob ruidoso coro de vaiais, declama o poema “Os sapos”¹, de Manuel

¹ Os Sapos

Enfunando os papos,
Saem da penumbra,
Aos pulos, os sapos.
A luz os deslumbra.

Em ronco que aterra,
Berra o sapo-boi:
- “Meu pai foi à guerra!”
- “Não foi!” - “Foi!” - “Não foi!”.

O sapo-tanoeiro,
Parnasiano aguado,
Diz: - “Meu cancionista
É bem martelado.

Vede como primo
Em comer os hiatos!
Que arte! E nunca rimo
Os termos cognatos.

O meu verso é bom
Frumento sem joio.
Faço rimas com
Consoantes de apoio.

Vai por cinqüenta anos
Que lhes dei a norma:
Reduzi sem danos
A fôrmas a forma.

Clame a saparia
Em críticas céticas:
Não há mais poesia,
Mas há artes poéticas...”

Urra o sapo-boi:
- “Meu pai foi rei!” - “Foi!”
- “Não foi!” - “Foi!” - “Não foi!”.
Brada em um assomo
O sapo-tanoeiro:
- A grande arte é como
Lavor de joalheiro.

Bandeira, uma evidente ironia aos poetas parnasianos, que ficaria celebrizado como o marco divisório entre a velha e a nova poesia.

Depois da Semana, muitas revistas de cultura surgiram como veículos de afirmação do Modernismo, a exemplo da *Klaxon* (São Paulo, 1922-1923), *No-víssima* (São Paulo, 1923-1925), *Terra Roxa e outras terras* (São Paulo, 1926), *Estética* (Rio de Janeiro, 1924-1925), *A Revista* (Belo Horizonte, 1925-1926), *Festa* (Rio de Janeiro, 1927), *Revista Verde* (Cataguazes, 1927-1928), *Antropofagia* (São Paulo, 1928-1929).

A poesia estava na ordem do dia e no mensário *Klaxon*, notadamente Sérgio Milliet e Manuel Bandeira, ao lado de colaboradores estrangeiros, publicavam poemas que experimentavam e exercitavam as inovações poéticas já adotadas pela vanguarda europeia. Observe-se que ali poemas originais e traduções eram publicados com igual destaque. Milliet é também responsável pelo artigo “Une semaine d’art moderne à São Paulo”, publicado em 15 de abril de 1922 na revista belga *Lumière* (nº7), que mantinha intercâmbio com a *Klaxon*. Sobre a importância de Milliet para o Modernismo, Cecília de Lara assinalou:

Mas, resta ainda, no caso, observar que sem nenhum esforço foi se esboçando como destacado o papel de Sérgio Milliet, nesta fase de implantação do Modernismo – pois grande parte da colaboração estrangeira veio por seu intermédio, além da contribuição direta que ofereceu como poeta, testemunhando em *Klaxon* vários aspectos das pesquisas em poesia, sobretudo no que se refere à técnica de composição. (LARA, 1972, p. 41)

Ou bem de estatuário.
Tudo quanto é belo,
Tudo quanto é vário,
Canta no martelo”.
Outros, sapos-pipas
(Um mal em si cabe),
Falam pelas tripas,
- “Sei!” - “Não sabe!” - “Sabe!”.

Longe dessa grita,
Lá onde mais densa
A noite infinita
Veste a sombra imensa;

Lá, fugido ao mundo,
Sem glória, sem fé,
No perau profundo
E solitário, é

Que soluças tu,
Transido de frio,
Sapo-cururu
Da beira do rio...

As experimentações se seguiram ao longo da década de 20 e no início dos anos 30 muitos poetas continuavam engajados na causa da renovação estética, que aparentemente não havia ainda sido realizada satisfatoriamente a partir das propostas de Mário de Andrade, contidas no “Prefácio interessantíssimo”² de sua obra *Paulicéia desvairada* (1922) ou no “Manifesto da Poesia Pau-Brasil”, de Oswald de Andrade, publicado no *Correio da Manhã*, em 18 de março de 1924³, ambos inspirados pelo espírito de contestação do “Manifesto Futurista” de Filippo Marinetti, publicado em 1909, na Europa, cuja publicação no Brasil se deu no mesmo ano, conforme atesta Teles:

Menos de três meses de sua publicação em *Le Figaro*, o primeiro manifesto do futurismo foi apresentado ao público da cidade nordestina de Natal, no Rio Grande do Norte, no jornal *A República*, de 5/6/1909, e em dezembro do mesmo ano Almachio Diniz o transcreve no *Jornal de Notícias* da cidade de Salvador, na Bahia, em 30/12/1909. (TELES, 2004).

O longo período que compreende a primeira (1922-1930), a segunda (1930-1945) e a terceira (1945-1961) fases modernistas é também, para um número significativo de poetas, especialmente marcado por uma importante atividade de tradução de poesia, paralela à atividade de criação. Estas produções, em geral, escoavam através dos mais diversos órgãos de imprensa que ofereciam espaço privilegiado à literatura. Entre esses poetas tradutores, destaco: (cito entre parênteses pelo menos um dos poetas traduzidos)

- Álvaro Moreyra (Jules Laforgue) ;
- Álvaro Reis (Charles Baudelaire, Sully Prudhomme, Téphile Gautier, Jean Moréas, Victor Hugo);
- Augusto Frederico Schmidt (*Cântico dos Cânticos* – atribuído a Salomão);
- Carlos Drummond de Andrade (García Lorca, Pedro Salinas, Bertold Brecht, Jacques Prévert, Paul Éluard, Paul Claudel, Guillaume Apollinaire)⁴;
- Cecília Meireles (Rabindranath Tagore, Rainer Maria Rilke e antologias de poesia hebraica e chinesa);

² Texto integral disponível em: <http://www.mac.usp.br/mac/templates/projetos/jogo/pauliceia.asp>

³ Texto integral disponível em: <http://www.ufrgs.br/cdrom/oandrade/oandrade.pdf>

⁴ Em 2011, a Editora Cosac Naify publicou Poesia traduzida, reunindo 64 poemas traduzidos por Drummond.

- Dora Ferreira da Silva (T. S. Eliot, Rainer Maria Rilke)
- Lúcio Cardoso (Emily Brontë);
- Dante Milano (Dante Alighieri);
- Darcy Damasceno (Paul Valéry, St-John Perse);
- Domingos Carvalho da Silva (Pablo Neruda, Carl Sandburg);
- Emílio de Menezes (José María de Heredia)
- Geir Campos (Rainer Maria Rilke, Bertold Brecht, Walt Whitman);
- Gondim da Fonseca (Oscar Wilde);
- Guilherme de Almeida (Charles Baudelaire, Paul Verlaine, Rabindranath Tagore, Émile Verhaeren, Rudyard Kipling);
- Henriqueta Lisboa (Gabriela Mistral, Giuseppe Ungaretti, Dante Alighieri);
- Jamil Almansur Haddad (Charles Baudelaire, Petrarca, Anacreonte, Safo);
- João Accioli (Rainer Maria Rilke);
- João Cabral de Melo Neto (Joan Brossa e outros poetas catalães);
- Jorge de Lima (Edgar Lee Masters)
- Jorge de Senna (Robert Frost);
- Lêdo Ivo (Arthur Rimbaud);
- Manuel Bandeira (J. Wolfgang Goethe, Elizabeth Bishop, Jorge Luis Borges, Emily Dickinson, Bashô);
- Mário de Andrade (Amy Lowell, Edgar Lee Masters);
- Menotti Del Picchia (Giuseppe Ungaretti);

- Múcio Leão (Maurice Maeterlinck);
- Onestaldo de Pennafort (Paul Verlaine, Arthur Rimbaud, Guillaume Apollinaire);
- Oswaldo Orico (Gabriela Mistral, Juana de Ibarbourou, Alfonsina Storni, Santos Chocano, Pablo Neruda)
- Paulo Mendes Campos (William Shakespeare e Pablo Neruda);
- Péricles Eugênio da Silva Ramos (William Shakespeare, Stéphane Mallarmé, Villon, Byron, T. S. Eliot, Paul Valéry, Archibald Macleish);
- Prudente de Moraes, Neto (Blaise Cendrars)
- Raymundo Magalhães Júnior (Arthur Rimbaud, Guillaume Apollinaire, Henri Régner, Paul Fort);
- Sérgio Milliet (Nicolás Guillén, Charles Péguy, Carl Sandburg, Max Jacob, Ezra Pound, Langston Hughes);
- Thiago de Melo (Pablo Neruda, Friedrich Hölderlin, Francisco de Quevedo, T. S. Eliot);
- Vinícius de Moraes (T. S. Eliot);

Nesta relação, não incluo Abgar Renault (que traduziu quatro obras de Rabindranath Tagore e uma de Jules Supervielle), porque, embora suas publicações de traduções poéticas datem dos anos 40 e 50, sua estreia como poeta só se deu em 1968, portanto fora do período modernista.

Depois de Guilherme de Almeida haver publicado *Poetas de França* (1936), contendo traduções de 31 poetas franceses, o caso mais eloquente de poeta tradutor no período é o de Manuel Bandeira, que, em 1945, publica *Alguns poemas traduzidos*. Nesta obra, Bandeira reúne suas traduções de poemas de mais de 60 poetas, mais ou menos canônicos e mais ou menos vanguardistas. Sobre as escolhas dos textos do tradutor Bandeira, Costa avalia que

De certa forma, ele realizou (com outros criterios, menor abrangência mas com a mesma sistemática) o ideal do **paideuma** poudiano, que levam a cabo Augusto e Haroldo de Campos.

Bandeira foi mais importador de **poesia** que de **poetas**. Ele estava mais interessado em

encontrar, nas fontes mais diversas, formas de expressão que correspondessem a sua sensibilidade. (COSTA, 1986, p. 103).

Já em 1948, a editora Globo publica uma edição aumentada da obra, com o título modificado para *Poemas traduzidos* e em 1949, sai uma nova edição, com ilustrações de Guignard, pela *Revista Acadêmica*. Note-se que esta obra continua a ser publicada ao longo dos anos, sendo a Editora José Olympio responsável pela edição mais recente, de 2007, onde o título reaparece como *Alguns Poemas Traduzidos*.

Em um contexto de efervescência cultural, esta profícua fase de tradução de poesia teve seguramente sua parcela de influência na produção nacional de poesia. Assim, a terceira fase do Modernismo, a Geração de 45, surge com especial vigor, trazendo uma proposta que procurava restabelecer o rigor na elaboração poética e afirmar valores estéticos. Para difundi-la, Domingos Carvalho da Silva, Péricles Eugênio da Silva Ramos e outros fundaram a *Revista Brasileira de Poesia* (São Paulo - 1947), onde publicavam poemas originais e traduções. Outros periódicos de cultura ou literários importantes, surgidos neste período, são: *Joaquim* (Curitiba - 1947/1948); *Edifício* (Belo Horizonte - 1947); *Orfeu* (Rio de Janeiro - 1948); *Sul* (Florianópolis - 1949/1952); *Clã* (Fortaleza - 1946); *Revista Branca* (Rio de Janeiro - 1950/1954) e o *Correio das Artes* (João Pessoa - 1949). Este último é o suplemento de cultura mais antigo em circulação no Brasil - atualmente encartado quinzenalmente no jornal *A União*, dispõe também de versão na web⁵.

A poesia traduzida na década de 50 teve duas publicações de destaque: em 1950, Raymundo Magalhães Júnior publica, pela Gráfica Tupy, a *Antologia de Poetas Franceses (do século XV ao século XX)*: 101 figuras representativas da poesia da França e da Bélgica através dos seus tradutores brasileiros e portugueses; um pouco mais tarde, provavelmente em 1954, Sérgio Milliet (o “homem-ponte” entre duas gerações, no dizer de Antônio Cândido), visceralmente engajado ao movimento de renovação estética da poesia brasileira, desde a sua destacada participação na *Klaxon*, organiza e publica *Obras-Primas da Poesia Universal*, em cuja introdução adverte:

Não é esta uma antologia dos melhores poemas da literatura universal desde os românticos até os modernos. É apenas uma antologia dos melhores poemas vertidos para o português ou escritos nesta língua. (...) Uma idéia, porém, entretanto, os leitores, das tendências da poesia nestes últimos cem anos. (MILLIET, 1957, p. 5).

⁵ Disponível em: <http://jornalauniaio.blogspot.com/2011/09/correio-das-artes-on-line.html>

De fato, trata-se de uma seleção de 120 poetas, dos quais 39 lusófonos e 81 de expressões estrangeiras, cujos poemas são apresentados através de traduções para o português, realizadas quase sempre por poetas brasileiros de grande envergadura.

Ao longo de todo o período, os textos e autores selecionados para as traduções seriam aparentemente escolhas pessoais dos poetas tradutores, mas, grosso modo, percebe-se que a maioria dos autores selecionados pertence ao cânone de sistemas literários centrais (notadamente poetas franceses e ingleses, mas também poetas de várias nacionalidades, emergentes das vanguardas do início do século XX). Esta constatação aponta para o fato de que os poetas tradutores modernistas brasileiros, de forma mais ou menos consciente e organizada, estariam buscando modelos largamente legitimados em sistemas literários centrais que confirmassem os valores estéticos que pretendiam resgatar para renovar o sistema local, seriamente enfraquecido do ponto de vista estético, em consequência da ruptura radical, proposta na Semana, com os modelos até então vigentes.

Esta intensa atividade tradutória dos poetas, ao longo deste período, elevou a poesia traduzida a uma posição central no sistema literário local. Segundo Even-Zohar,

To say that translated literature maintains a central position in the literary polysystem means that it participates actively in shaping the center of the polysystem. (...) Moreover, in such a state when new literary models are emerging, translation is likely to become one of the means of elaborating the new repertoire. Through the foreign works, features (both principles and elements) are introduced into the home literature which did not exist there before. These include possibly not only new models of reality to replace the old and established ones that are no longer effective, but a whole range of other features as well, such as a new (poetic) language, or compositional patterns and techniques. (EVEN-ZOHAR, 1990, p. 47).

Ele distingue ainda três condições que permitem à literatura traduzida ocupar uma posição central em um sistema literário, a saber: i) quando um polissistema é jovem e ainda não foi cristalizado; ii) quando uma literatura é periférica e/ou fraca, ou as duas coisas; iii) quando existem pontos de viragens, crises ou vácuos literários. No caso da poesia brasileira, depois da Semana de 22 até os anos 50, do século passado, observa-se que estas três condições, em maior ou menor grau, concorreram para que a poesia traduzida tivesse alcançado uma posição equivalente à da poesia nativa no sistema literário brasileiro.

A publicação de poesia traduzida, durante aquele período, tornou possível trazer para o sistema local modelos inovadores, mas também modelos conservadores que haviam sido rejeitados pelos articuladores do Modernismo nos primeiros momentos a partir da realização da Semana, ou seja, a poesia

traduzida foi o mecanismo que permitiu resgatar o bebê que havia sido jogado fora junto com a água do banho, por ocasião da Semana. O fato de tantos poetas terem se dedicado à tradução de poemas, e, portanto, legitimado a poesia traduzida dentro do próprio sistema nativo, aponta para uma ação coletiva em busca da regulação do sistema local, da construção de um projeto poético esteticamente consistente que, de resto, pôde pavimentar a consolidação do sistema literário nacional, cuja consequência foi o ganho de respeitabilidade por parte de outros sistemas literários e culturais, mais ou menos centrais.

Assim, ao lado das intraduições, naturalmente operaram-se extraduições⁶: em 1946, Manuel Bandeira publica *Apresentação da poesia brasileira* sob encomenda da editora mexicana Fondo de Cultura Econômica, que a publica em espanhol, *Panorama de la poesía brasileña*, em 1951. Além disto, um número importante de poetas foi traduzido para diversas línguas, a exemplo de Drummond (traduzido para inglês, francês, italiano, alemão, sueco e tcheco), Manuel Bandeira (traduzido para francês, espanhol e inglês), Adalgisa Nery (traduzida para francês), Cassiano Ricardo (traduzido para italiano, espanhol, inglês, francês, húngaro, holandês e servo-croata), Ribeiro Couto (traduzido para francês, italiano, espanhol, húngaro, sueco e servo-croata), Vinícius de Moraes (traduzido para francês, italiano e espanhol), Cecília Meireles (traduzida para espanhol, francês, italiano, inglês, alemão, húngaro, hindu e urdu), Thiago de Mello (traduzido para espanhol), Lêdo Ivo (traduzido para inglês, dinamarquês, holandês e espanhol) Murilo Mendes (traduzido para italiano e espanhol), Luís Aranha (traduzido para francês).

Em outras palavras, neste período de viragem, a poesia brasileira teve a boa sorte de contar com um grupo de intelectuais, de altíssimo apuro artístico, comprometido com a renovação estética da poesia, que pôde incrementar substancialmente o sistema literário local a partir de modelos inovadores ou conservadores trazidos através da poesia traduzida. Cabe então sublinhar que deste grupo de revolucionários da poética, cuja destacada colaboração com intraduições trouxe a munição necessária para levar a bom termo a batalha que começara na Semana, os militantes mais aguerridos foram Manuel Bandeira, Sérgio Milliet, Guilherme de Almeida, Geir Campos, Domingos Carvalho da Silva, Péricles Eugênio da Silva Ramos e Carlos Drummond de Andrade.

Por fim, ainda a propósito dos estudos de Even-Zohar, vale citar o poema “Tecendo a manhã”, uma espécie de teorização dos polissistemas, *avant la lettre*, publicado em *A educação pela pedra* (1952), onde João Cabral de Melo Neto metaforiza magistralmente a complexa rede das relações literárias:

⁶ Os conceitos são de Lieven d’Hulst (2007).

1

Um galo sozinho não tece uma manhã:
ele precisará sempre de outros galos.
De um que apanhe esse grito que ele
e o lance a outro; de um outro galo
que apanhe o grito de um galo antes
e o lance a outro; e de outros galos
que com muitos outros galos se cruzem
os fios de sol de seus gritos de galo,
para que a manhã, desde uma teia tênue,
se vá tecendo, entre todos os galos.

2

E se encorpando em tela, entre todos,
se erguendo tenda, onde entrem todos,
se entretendendo para todos, no toldo
(a manhã) que plana livre de armação.
A manhã, toldo de um tecido tão aéreo
que, tecido, se eleva por si: luz balão.

Referências

- ALMEIDA, Guilherme. *Poetas de França*. 4ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1965.
- BANDEIRA, Manuel. *Estrela da Vida Inteira*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.
- COSTA, Walter. “Manuel Bandeira, importador de poesia”. In: *Travessia*, vol. 5, nº 13. Florianópolis: UFSC, 1986. Disponível em: <http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/travessia/article/viewFile/17526/16103>. Acesso em: 10/10/2011.
- Dicionário de Tradutores Literários no Brasil*. Disponível em: <http://www.dicionariodetradutores.ufsc.br/pt/index.htm>. Acesso em: 01/10/2011.
- EVEN-ZOHAR, Itamar. “The position of translated literature within the literary polysystem”. In: *Polysystem Studies, Poetics Today*, 11(1), 1990, pp. 45–51.
- LARA, Cecília de. “A colaboração estrangeira na revista *Klaxon*”. In: *Revista do IEB*, Nº 19, São Paulo, 1977, pp. 37–46. Disponível em: <http://143.107.31.150/revista/REV019/REV19-03.pdf>. Acesso em: 14/10/2011.
- LIEVEN D'HULST. “Comparative Literature versus Translation Studies: Close Encounters of the Third Kind?”. In: *European Review*, vol. 15, Nº. 1, 2007, pp. 95-104.
- MELO NETO, João Cabral de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995.
- MILLIET, Sérgio. *Obras-Primas da Poesia Universal*. 3ª ed. São Paulo: Martins, 1957.
- TELES, Gilberto Mendonça. “Os Pontos Cardeais do Modernismo”. In: *Cadernos da ABF*, vol. 3. pp. 92-98, 2004. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/abf/volume3/numero1/07.htm>. Acesso em: 30/10/2011.